

Na formação de Portugal existe um propósito divino. Desde os primórdios da nacionalidade que o povo português se intitulou um povo eleito para realizar grandes feitos.

A matriz portuguesa encontra-se no povo lusitano para quem, tal como hoje, a liberdade era um bem maior, uma das suas grandes bandeiras.

Nesta pequena parcela de terra, muitos foram os povos que a habitaram e por ela lutaram, não conseguindo, todavia, assenhorearem-se daquele que seria o futuro reino de Portugal.

Ao longo da história, os portugueses passaram por muitos obstáculos que puseram em causa a afirmação da sua identidade nacional. Grande foi o esforço do povo deste pequeno país para enfrentar as forças políticas, religiosas e de estratos sociais elevados que desejavam ver o território em outras mãos. Contudo, o povo luso conseguiu ultrapassar os muros que o impediam de continuar o propósito divino a que estava destinado. Disso é prova o milagre da Batalha de Ourique em que D. Afonso Henriques tem a visão de Deus e ouve a Sua voz

que lhe diz: “volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterae gentes.”, anunciando-lhe a vitória e o destino glorioso da nação a quem Deus prometeu o mundo. Foi este conhecimento profundo das coisas divinas imbuído no espírito do grande D. Nuno Álvares Pereira que lhe permitiu erguer Portugal para a história que tinha de levar a cabo, recuperando a identidade nacional. Foi graças ao elevado espírito de união que o líder das hostes portuguesas trouxe a vitória a Portugal. O seu patriotismo e a sua arreigada ligação a um cristianismo de cruzada, levava D. João I a confiar-lhe a pátria. À cruzada guerreira sobrepunha-se, cada vez mais, a cruzada espiritual alicerçada numa fé inabalável que queria pôr em prática. Crescia em si a força da oração. A fé venceu, mais tarde, o cavaleiro, apenas a cruz norteava a sua vida. Entre a espada das batalhas pela liberdade e a oração se talhou o carácter de D. Nuno Álvares Pereira.

A dura prova que Portugal passara com a morte de D. Fernando, permitindo o domínio estrangeiro, fez estremecer o país, somente ultrapassado pela

vontade férrea dos lusitanos na Batalha de Aljubarrota. O povo português desceu aos infernos, vendo-se envolvido nas brumas que mais tarde envolveram D. Sebastião e o futuro de Portugal, delas ressurgindo mais consciente da missão que lhe competia. Esta e outras provas que atravessam a história nacional, mais não são do que o expurgar dos males sucessivamente acumulados que impedem o país de ir mais além, são a purificação da identidade lusa, a preparação para o verdadeiro papel de Portugal no mundo. Importante foi também o espírito empreendedor de D. Dinis, muito para além do rei plantador das futuras naus, de uma visão reformista e renovadora, procurando implantar uma nova concepção do homem, instituindo as festas do Espírito Santo com as quais se desejava a remissão da humanidade. O poder do rei procurava implementar novas formas de consciência espiritual, contrapondo-se à visão obsoleta da monarquia clerical da época. A peculiaridade das festas de Portugal foi a associação do promissor império às festas propriamente ditas. Daí, em Portugal, passarem a ser as festas do Império do Espírito

Santo ligadas às três idades que Joaquim de Fiore proclamava: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo, aquela que conduziria a humanidade até aos fins dos tempos. Foi desta forma que Isabel de Aragão e seu marido vieram preencher o vazio que a santa sé ditara a Portugal por D. Afonso III se ter revoltado contra os abusos levados a cabo pelos mais privilegiados da sociedade, incluindo o clero, o que valeu a Portugal a excomunhão do rei e a proibição de qualquer acto religioso no nosso país. De salientar que as festas do Espírito Santo ultrapassaram todas as fronteiras, espalhando-se pelo mundo no tempo das Descobertas.

Ao longo das várias etapas da história portuguesa reconhecem-se momentos de descida e ascensão através da acção de homens e mulheres que deixaram a sua marca pela convicção e pela fé num mundo melhor.

A razão da escolha do povo luso assenta na matriz judaica. A exemplo da escolha do povo judeu como povo eleito de Deus, também ele viu a terra lusa como a mais favorecida e predestinada para grandes feitos no mundo, designando-a de império

pelo papel de preponderância na história nacional e internacional, “dar novos mundos ao mundo”, escreveu Camões; assim verá o povo luso e o mundo repetida a sua história. Assim o profetizaram os profetas. A profecia de Daniel sobre o reino do rei Nabucodonosor, tomará forma, mais tarde, em Padre António Vieira, proclamando uma renascença para Portugal, ou seja, a implantação de um novo império, uma Idade de Ouro, um tempo em que o homem passe a ser aquilo que realmente é na sua essência, revelando a centelha divina que em si reside e que marcará a sua individualidade.

O Quinto Império será “ o restaurar da criança em nós e em nós a coroarmos imperador, eis aí o primeiro passo para a formação do império.”, diria, mais tarde, Agostinho da Silva que se intitulava um cavaleiro do Espírito Santo. Segundo ele, esse império só poderia vir pelo poder da oração que se estenderia “a todas as nações do mundo, a todas elas revelando o espírito, e a todas elas, e a todos os homens nelas, mergulhando naquilo que será a solução da antinomia vida-morte.”

Esta nova era identificada como Quinto Império de Vieira, seu criador, será o último e o definitivo, um império que não desabarará como os anteriores, mas que durará para sempre. Será uma nova época, um paraíso na terra, a Ilha dos Amores de Camões, a tão desejada Idade de Ouro. O espírito ecuménico e universalista do povo português e a sua preponderância atlântica, farão dos portugueses, de novo na história, os novos missionários, os embaixadores de uma boa nova ecuménica, de paz, liberdade e fraternidade. Esta era será o restaurar de uma nova humanidade vivendo a liberdade e o amor em toda a sua plenitude. A exemplo de um passado não longínquo, veja-se o papel da língua pátria nos quatro cantos do mundo, na evangelização, na conversão, na instrução dos povos, um meio de comunicação com o rei, o índio, o nobre, o pobre, enfim, o povo, e que ainda no presente se reconhece a marca de um passado com eco no presente e no futuro.

“A minha pátria é a minha língua” escreveu Fernando Pessoa, revelando o patriotismo elevado ao país e à língua, revelador da consciência

daqueles que, dos quatro cantos do mundo fizeram a sua casa, a sua pátria, sendo a língua portuguesa de matriz latina, a chave que abriu e continuará a abrir as portas aos povos de qualquer lugar.

A utopia de Padre António Vieira será uma realidade, o futuro fará prova das profecias de Bandarra e consolidar-se-á o ideário espiritual de Fernando Pessoa, na sua vontade de ver os ideais que D. Sebastião representava para o povo português, o desejo de um messias que seria o imperador do mundo. Talvez não seja acaso o facto de o poeta o mencionar em último lugar no seu poema “Mensagem”. No imaginário português ainda hoje se espera pelo Desejado que há-de vir para mudar Portugal, será ele o messias tão ansiado que trará a Idade de Ouro, será o imperador que governará os portugueses numa linha de alta espiritualidade.

D. Sebastião consubstancia o patriotismo sagrado, representando a transcendência do povo luso nas suas grandes empresas. A esperança no regresso deste rei, o rei-menino a quem Camões dedicou Os Lusíadas, permitiu aos portugueses suportar o jugo

da ocupação estrangeira, ele representa a remissão de Portugal e do mundo de acordo com a vontade divina dada a conhecer a D. Afonso Henriques.

O mito ainda perdura, porque os símbolos não morrem, são eternos e D. Sebastião representa um Portugal renascido, ideia para a qual contribuíram as profecias de Bandarra que proclamava a vinda de um rei fraterno, criador de um império universal: “que o imperador havia de ser português e descendente de el-rei D. Afonso Henriques.”

Padre António Vieira foi um grande defensor das profecias de Bandarra que ajudaram ao desenvolvimento do mito sebastianista. Segundo Vieira, “quando a comunhão com o ser de Deus aparece mediada por um predestinado capaz de conduzir a história do homem a um ajuste com a verdade que Deus designa para ele.” Também Fernando Pessoa faz fé nas profecias de Nostradamus, contemporâneo de Bandarra: “ O Quinto Império. O futuro de Portugal – que não calculo, mas sei – está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas de Bandarra e também nas quadras de Nostradamus. Esse império é sermos tudo.”

O Quinto Império será a conclusão do sentir e do ser, um porvir.

Segundo Padre António Vieira, este império de Cristo na terra, permitiria a sua glorificação, através da fusão do humano com o divino e que conduzisse à organização dos lugares onde as leis proporcionassem felicidade e paz universais vividas na harmonia de toda a humanidade. Deste modo, o homem passaria a ser perspectivado como um valor universal, sendo que reconheceria em si a sua génese divina, apesar de consciente da transitoriedade da sua natureza.

A fé inabalável de Padre António Vieira na essência divina do homem e o seu exacerbado patriotismo, conferiram-lhe actos de criação próprios dos génios, em que o sonho e a realidade se confundem, tendo feito da sua vida um arrojado e constante acto de criação, próprio “daqueles que da lei da morte se vão libertando.”

A palavra foi a sua espada e a sua fé a força para rasgar o caminho, projectando o país no mundo e

para além dele, transcendendo-se a si próprio e à sua alma na sua acção.

O perfil de Padre António Vieira e a sua oratória permitiram-lhe ser “primus inter pares”, tendo sido, ao longo dos séculos, um marco incontornável na história de Portugal. Uma vida devotada ao estabelecimento de pontes entre a lusofonia e o resto do mundo, defendendo, de forma acérrima, todos os que, de alguma forma, fossem oprimidos e desfavorecidos. A sua atitude interventiva permitiu-lhe ultrapassar as fronteiras do mundo e as barreiras que se opunham à sua acção missionária, à sua diplomacia, à sua oratória e à implantação da imagem de um pequeno país além Atlântico.

Padre António Vieira foi, séculos mais tarde, uma referência para Agostinho da Silva, também ele uma figura de proa que marcou a diferença como grande filósofo, pensador, pedagogo e missionário, em Portugal e além-mar.

Qual Vasco da Gama, Agostinho da Silva rasgou os ares e os mares, a sua acção chegou ao Índico, aos lugares onde se fez e ainda faz ouvir a língua pátria.

O seu espírito de observador multifacetado conferiu-lhe um sentido de intervenção, convidando as consciências à reflexão, em particular aqueles com responsabilidades governativas, sobre a sociedade que caminha, a passos largos, para a desumanização dos seres e para um vazio que fará ruir os alicerces construídos no passado. Citando Gilberto Gil, “Agostinho da Silva sonhou pelo pensamento e pensou pelo sonho”. Sonhou um Portugal diferente, reconhecida a capacidade do povo português. Para ele, falta cumprir-se Portugal, a era do Quinto Império urge em chegar. Na sua visão universalista do homem português, não bastava a conquista dos mares, o homem deveria passar do ter para o ser:

“Na tristeza dos triunfos
E na alegria das dores
És nada pelo que dizes
Só vales pelo que fores.”

Para Padre António Vieira, as palavras sem obra eram estéreis, assim o eram também para Agostinho da Silva. A sua vida foi pautada pela intervenção e acção, foi além da oratória. A obra que deixou é

prova disso mesmo: o conhecimento escrito nos livros que deixou aos homens, o estímulo à fundação de universidades, os departamentos de cultura e de estudo que instituiu e muito mais, constituíram parte da sua acção a favor da portugalidade no mundo. Ele acreditava que o estabelecimento de pontes entre os povos, a tolerância à pluralidade cultural e espiritual, em suma, a sua visão universalista do Homem seriam factores de importância relevante para a condução de Portugal além fronteiras, expandindo-se para o mundo.

“O Português é um ser plural e é nessa pluralidade que ele tem que se afirmar.”

Agostinho da Silva